

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/265165045>

História das abordagens humanistas em Psicologia no Brasil

Chapter · January 2004

CITATIONS

20

READS

22,073

3 authors, including:



William Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

114 PUBLICATIONS **946** CITATIONS

[SEE PROFILE](#)



Adriano Holanda

Universidade Federal do Paraná

161 PUBLICATIONS **752** CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Phenomenology and Human Sciences [View project](#)



Spatial numerical estimates within proprioceptive recalibration [View project](#)

História das Abordagens Humanistas em Psicologia no Brasil¹

*William Barbosa Gomes
Adriano Furtado Holanda
Gustavo Gauer*

As principais vias de influência das idéias e valores humanistas na psicologia, todas elas amplamente representadas no Brasil, consistem basicamente em posições teórico-metodológicas e propostas terapêuticas. As formulações teóricas e metodológicas, afeitas em geral aos movimentos do existencialismo e da fenomenologia, foram contempladas no capítulo anterior. O objetivo deste capítulo é registrar o histórico de algumas das propostas de intervenção psicoterápica que mais estreitamente se vinculam às idéias humanistas. O texto procura a seguir a historicidade das influências, iniciando assim com a Abordagem Centrada na Pessoa, formulada pelo psicólogo americano Carl Rogers e que serviu de referência para as primeiras intervenções terapêuticas de psicólogos. O crescente interesse de Rogers pela fenomenologia e pelo existencialismo servirá de passagem para a análise das relações entre o pensamento psicológico e o pensamento fenomenológico. Tais relações são acompanhadas desde as realizações das primeiras pesquisas psicológicas apoiadas no método fenomenológico produzidas no Brasil até a explosão das pesquisas qualitativas década de 1990. O capítulo tratará também da história, no Brasil, de duas outras abordagens terapêuticas vinculadas ao ideário humanista: Gestalt-Terapia e a Logoterapia.

¹ Os autores agradecem a colaboração dos bolsistas de iniciação científica CNPq Manoela Ziebell de Oliveira e Luciano da Silva Alencastro, do Instituto de Psicologia da UFRGS, pela leitura e sugestões, e pela preparação das referências bibliográficas.

Abordagem Centrada na Pessoa

A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), inicialmente conhecida como Psicoterapia Centrada no Cliente ou Aconselhamento Não-Diretivo, tem um papel de destaque na história da psicologia. Abriu o trabalho psicoterapêutico aos psicólogos, antes uma atividade exclusivamente médica, e introduziu a pesquisa rigorosa e quantitativa ao estudo da efetividade psicoterapêutica (Rogers, 1961/1970). Também incentivou o uso de métodos qualitativos em pesquisa psicológica (Rogers, 1970/1972). A ACP teve início com o trabalho de Carl Rogers nos EUA, na década de 1940. A teoria caracteriza-se pela crença nas potencialidades de desenvolvimento e crescimento psicológico em condições comunicativo-relacionais realistas, sensíveis, e compreensivas. Em suas origens, ela recebeu influências do funcionalismo americano, do gestaltismo, das teorias do self, da psicanálise, da terapia relacional de Otto Rank, dos psiquiatras culturalistas e do existencialismo. De la Puente (1970) distinguiu três fases na trajetória do pensamento rogeriano: a fase técnica baseada em regras de atendimento não-diretivo, tais como respostas reiterativas e reflexos de sentimentos (Rogers, 1942/1973); a fase das atitudes terapêuticas baseadas na autenticidade, aceitação calorosa e compreensão empática (Rogers, 1951/1974); e a fase da investigação do processo terapêutico, ocorrendo neste período a aproximação do existencialismo (Rogers, 1961/1970). Certamente, uma quarta fase pode ser acrescida, referindo-se à transformação da teoria em abordagem, quando o pensamento rogeriano volta-se para um amplo espectro de questões, incluindo educação (Rogers, 1969/1971), grupos (Rogers, 1970/1972), casamento e alternativas (Rogers, 1972/1974), e temas mais gerais (Rogers & Rosenberg, 1977).

Uma primeira aproximação da teoria de Rogers com a fenomenologia poderia se dar através do termo campo fenomenal, que apareceu no capítulo escrito por Rogers (1959) para a série, *Psychology: A Study of a Science*, editada por Sigmund Koch (1917-1996), em 1959. No entanto, o conceito de campo fenomenal utilizado por Rogers devia-se à influência dos autores americanos Arthur Combs (1912-1999) e Donald Snygg (1904-1967). Para esses autores, o campo fenomenal era o ambiente percebido, incluindo neste ambiente o percebido, enquanto determinante de comportamento. Sendo assim, o campo fenomenal era a estrutura básica para a predição e controle do comportamento. Combs foi aluno de Rogers, introduzindo ao professor as idéias que havia desenvolvido juntamente com Snygg

(Snygg & Combs, 1949). A aproximação de Rogers da fenomenologia e do existencialismo veio com a influência de Eugene Gendlin (Gomes, 1983).

O impacto das pesquisas de Rogers na psicologia norte-americana fez com que suas idéias se espalhassem pela Europa e pela América Latina. No Brasil, a influência rogeriana se fez sentir já na década de 1940, com o trabalho de Mariana Alvim (1909-2001). Em 1945 ela conheceu Carl Rogers pessoalmente, em visita a Chicago no intuito de instruir-se na técnica de entrevista não-diretiva. No ano seguinte, Alvim esteve no Rio de Janeiro, onde trabalhou com Emílio Mira y López (1896-1964) no Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getúlio Vargas (ISOP) desde a criação do Instituto, até mudar-se para Brasília em 1960. Dois anos depois, foi convidada pelo reitor Darcy Ribeiro (1922-1997) para coordenar os serviços de seleção de pessoal para a Universidade de Brasília. Alvim também lecionou em Salvador, sendo professora de Maria Constança Villas-Boas Bowen (1933-1993), que depois veio a ser colaboradora de Carl Rogers em La Jolla, Califórnia.

Em 1951, a Abordagem recebia no Rio de Janeiro a colaboração de Ruth Nobre Scheffer (n. 1923), que havia retornado do seu mestrado no Teachers College da Universidade de Colúmbia. Scheffer teve um papel importante na divulgação do aconselhamento não-diretivo através dos seus livros *Aconselhamento Psicológico* (1964) e *Teorias de Aconselhamento* (1976). Nesta década, os alunos do recém-criado Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em seus estágios, já praticavam o aconselhamento psicológico de orientação rogeriana, introduzido por Pe. Antonious Benko (Féres-Carneiro & Lo Bianco, 2003).

No Rio Grande do Sul, ainda na década de 1950, a teoria de Carl Rogers era estudada pelo Irmão Lassalista Henrique Justo². O interesse de Justo pelo aconselhamento psicológico deu-se em razão da oposição dos psiquiatras gaúchos ao exercício da psicanálise por psicólogos. Na época, o atendimento psicoterapêutico por psicólogos era considerado como trabalho de segunda linha. O contato de Justo com a teoria de Rogers foi através de um livro escrito pelo padre franciscano Roberto Zavalloni (1956) e traduzido do italiano para o português pela Editora Vozes. Zavalloni havia sido aluno de Rogers

² O nome de certidão de nascimento do Irmão Henrique Justo é José Arvedo Flach (n. 1922). Na plataforma Lattes do CNPq Justo aparece com o nome Flach. No entanto, nas publicações em psicologia o autor aparece com o nome de Justo.

em Chicago. Justo encantou-se com a possibilidade de trabalhar com uma psicoterapia desenvolvida por um psicólogo e foi buscar a formação na *Association Médico-Psychologique* de Paris, com André de Peretti, Daniel Hameline, Marie-Joelle Dardelin e outros, havendo os três primeiros psicoterapeutas estudado com Rogers, nos Estados Unidos. Justo tornou-se uma das mais importantes lideranças no desenvolvimento da pesquisa e da prática da ACP no Brasil. Ele ainda coordena um curso de especialização em ACP no Centro Universitário La Salle em Canoas — RS.³

Na década de 1960, com a criação dos cursos de graduação em psicologia, as teorias humanistas ganhavam espaço nos currículos e a ACP era estudada nos cursos do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Pernambuco e do Rio Grande do Sul. Em Pernambuco, a teoria de Rogers foi lecionada com competência e elegância por Lúcio Flávio Campos (1923-1988)⁴ e Maria Auxiliadora Moura (1931-1986)⁵, na Universidade Católica. Campos iniciou sua carreira profissional como padre jesuíta, com formação em filosofia obtida na instituição da congregação em São Leopoldo — RS, e em teologia na *Fordham University* em New York. No Recife, fundou em 1961, na Universidade Católica de Pernambuco, o primeiro curso de graduação em psicologia no Nordeste Brasileiro, e um dos primeiros cursos do Brasil. Em seguida foi para St. Louis — Missouri, EUA para estudar psicologia na *Washington University*, desenvolvendo estudos em psicopatologia, técnicas projetivas, e aconselhamento psicológico. Retornando ao Recife, assumiu a coordenação do curso de psicologia, entre 1965 e 1967. Logo depois, ele renunciou a sua condição de padre jesuíta, vindo a casar-se com Diva Campos. O professor Campos introduziu a teoria de aconselhamento psicológico de Carl Rogers no curso de psicologia da Universidade Católica e o trabalho com grupos terapêuticos. Maria Auxiliadora Moura e Maria Ayres formaram-se na primeira turma, dedicando-se também ao ensino e à prática da ACP. Maria Auxiliadora foi coordenadora do curso de psicologia da Universidade Católica. Maria Ayres é hoje uma referência histórica no desenvolvimento da ACP no Brasil.

³ Essas notas fazem parte da biografia do Irmão Henrique Justo que está sendo preparada por William B. Gomes e colaboradores.

⁴ Informações obtidas com a Sra. Diva Campos, viúva do professor Campos, e com as psicólogas Lucy Gallindo e Maria Ayres durante o mês de junho de 2003. Campos escreveu um livro de *Introdução à Psicologia*, publicado pela Universidade Regional do Nordeste, Campina Grande, PB em 1968.

⁵ Informações obtidas com o advogado Helder Moura, filho da Professora Moura, em 07/07/2003.

Em São Paulo, Oswaldo de Barros Santos (1918-1998) vinha desenvolvendo trabalho em orientação e seleção de pessoal interessando-se pelo aconselhamento não-diretivo. Como professor, lecionou em várias universidades paulistas, de algum modo difundindo as idéias de Rogers. Ele instituiu em 1969, juntamente com sua assistente Rachel Rosenberg, o Serviço de Aconselhamento Psicológico da USP (SAP-USP), uma das primeiras instituições a integrar oficialmente a Abordagem Centrada na Pessoa como opção de prática na formação de psicólogos e a oferecer aconselhamento psicológico no atendimento à população (Rosenberg, 1987a). Nascida na Bélgica, Rachel Lea Rosenberg (1931-1987) fez o mestrado e o doutorado na USP. Além de trabalhar como assistente de Oswaldo de Barros Santos no SAP-USP, o qual ela mesma viria a dirigir, participou da criação do Centro de Desenvolvimento da Pessoa do Instituto Sedes Sapientiae.

No final da década de 1960 e início da década de 1970, as versões norte-americanas da psicanálise que circulavam no Brasil estavam sendo muito criticadas por apresentar uma compreensão determinista e mecanicista da natureza humana. As interpretações psicanalíticas eram acusadas de ser muito abrangentes e generalistas. Por outro lado, o behaviorismo ainda ensaiava sua proposta para tratamento psicológico, baseado em teorias de aprendizagem. Tal quadro favorecia o desenvolvimento do pensamento humanista, que recebia muita atenção por parte de profissionais e estudantes de psicologia. No entanto, a presença da ACP no Congresso Interamericano realizado no Anhembi, na cidade de São Paulo, foi pequena.⁶ As idéias de Rogers apareceram em trabalhos apresentados por religiosos, com exceção de um *workshop* sobre aconselhamento psicológico que, embora fosse parte do Congresso, ocorreu na USP, sob coordenação de Rachel Rosenberg. Em 1976, um outro grande evento ocorreu em São Paulo, desta vez sobre Psicologia Clínica, sendo inexpressiva a apresentação de trabalhos sobre a ACP. Aliás, neste Congresso, a grande novidade foi a Análise Transacional, trazida na época por Odette Lourenção Van Kolck e seu marido Theodorus Van Kolck.⁷

Em contraste, na mesma década de 1970 a ACP seria intensamente estudada na academia. Por esta época, Miguel de la Puente regressava ao Brasil de seu doutorado na *Université de Strasbourg*, na França, trazendo em sua bagagem a versão em livro de sua tese de

⁶ W. Gomes, um dos autores deste texto, esteve presente neste evento.

⁷ W. Gomes esteve presente neste evento.

doutorado, *Carl Rogers: De la Psychothérapie a l'Enseignement*. O texto de De La Puente (1970) era um exame profundo da teoria de Rogers, apontando pela primeira vez as distintas etapas do desenvolvimento da teoria (técnicas, atitudes e *experiencing*). As mesmas etapas eram simultaneamente indicadas em um livro sobre as novas direções da Terapia Centrada no Cliente, publicado nos EUA (Hart & Tomlinson, 1970). No Brasil, De la Puente tornou-se professor da Universidade Estadual de Campinas, onde continuou suas pesquisas sobre a ACP no Programa de Pós-Graduação em Educação.

Não seria exagero afirmar que a ACP, na década de 1970, despertava nos seus estudiosos grande entusiasmo pela pesquisa empírica. Com efeito, esse foi o grande momento da abordagem na academia brasileira. Havia uma expectativa de se estar diante de uma grande escola do pensamento psicológico. Em 1972 foram defendidas duas importantes teses por duas mulheres que ocuparam posição de destaque na psicologia humanista. Elas foram Rachel L. Rosenberg com a tese *Um Estudo de Percepção de Condições Psicoterápicas em Grupos de Aconselhamento Psicológico* e Yolanda Cintrão Forghieri com a tese *Técnicas Psicoterapêuticas e Aconselhamento Terapêutico Rogeriano*. Em seguida, vieram da PUCSP as teses *Análise Lógico-Formal da Teoria de Aprendizagem de Carl Rogers*, defendida por A. A. Mahoney em 1976, e *Fundamentos fenomenológico-existenciais da comunicação professor-aluno na teoria da educação de Carl Rogers*, defendida por Lucila Schwantes Arouca em 1977. Na PUCRJ, no mesmo ano, era defendida a tese *Raízes Filosóficas do Pensamento de Carl Rogers* por Rosa Maria Niederauer Tavares Cavalcanti. Do Rio Grande do Sul chegava o livro *Carl Rogers, teoria da personalidade, aprendizagem centrada no aluno* do Irmão Henrique Justo (1973). É provável que a publicação de Justo tenha sido o primeiro livro sobre Rogers escrito por um autor brasileiro. Na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica criou uma área de concentração em Aconselhamento Psicológico sob a orientação de Miguel de la Puente. De la Puente lançou, nesta década mais dois importantes trabalhos, um sobre a psicologia social de Rogers (De la Puente, 1973) e outro sobre a educação centrada no estudante (De la Puente, 1978).

As traduções das obras de Rogers surgiam por esta época. Primeiro apareceu uma tradução de *Tornar-se Pessoa*, publicada em Portugal (Rogers, 1961/1970). Seguiram-se *Liberdade para Aprender* (Rogers, 1969/1971), *Tornar-se Pessoa*, versão brasileira (Rogers, 1961/1973), e *Grupos de Encontro* (Rogers, 1970/1974). As obras *Psicoterapia e Con-*

sulta Psicológica de 1942 e *Terapia Centrada no Paciente* de 1951, chegaram ao Brasil primeiro em versão de Portugal, em 1973 e 1974, respectivamente. Um livro que foi muito utilizado na segunda metade da década de 1970 foi *Psicoterapia e Relações Humanas* de Rogers e Kinget, em dois volumes. O primeiro voltado aos aspectos teóricos, trazendo uma versão do texto *A Theory of Therapy, Personality and Interpersonal Relationships, as Developed in the Client-Centered Framework* aquele que havia sido preparado a pedido de Sigmund Koch em 1959. Neste texto foram definidas as premissas básicas da teoria (Rogers, 1959). O segundo volume trazia exemplos e estudos de casos clínicos. O livro foi publicado originalmente em francês em 1965, sendo traduzido para o português em 1975; neste ínterim foi muito usada a versão em espanhol. Desta forma, o texto mais importante, enquanto teorização sistemática, do pensamento rogeriano chegou ao Brasil traduzido de uma versão francesa. Na verdade, o rogerianismo era muito estudado na França, na década de 1960.

Em meados de 1970, Eduardo Bandeira visitou Carl Rogers no *Center for Studies of the Person*, em La Jolla, Califórnia — EUA e de volta ao Brasil trouxe material informativo e ilustrativo da prática terapêutica da ACP.⁸ Com esse material, Bandeira percorreu o país, dando início à preparação da visita de Rogers, que ocorreu nos meses de janeiro e fevereiro de 1977, nas cidades do Recife, de São Paulo e do Rio de Janeiro. O ponto culminante da visita foi a realização de um evento vivencial na Aldeia de Arcozelo, na serra fluminense. Intitulado de Primeiro Encontro Centrado na Pessoa, o evento ocorreu entre os dias 4 e 18 de fevereiro. Estavam inscritos 200 participantes das mais diferentes profissões: advogados, engenheiros, enfermeiros, médicos, psicólogos, administradores, educadores, atores, diretores de cinema, jornalistas, e estudantes. O evento despertou grande atenção do público e da mídia.⁹ O Encontro viveu a não-diretividade em sua forma radical. Não havia nem programa nem pauta, e a comunidade foi planejando e realizando as atividades, debatendo exaustivamente cada questão. Rogers veio ao Brasil acompanhado de membros de sua equipe. Foram eles John Wood, Maureen Miller e o casal Maria e Jack Bowen. Maria Bowen, uma baiana, ex-aluna de Mariana Alvim, trabalhava com Rogers em La Jolla; John Wood

⁸ W. Gomes acompanhou um *workshop* oferecido por Bandeira na cidade de Bauru – SP em 1976. Em Bauru, Gomes organizou uma disciplina e um serviço de atendimento clínico com oferecimento de estágios na ACP, junto à Fundação Educacional de Bauru, atual Universidade Estadual de São Paulo (UNESP – Campus Bauru) entre os anos de 1975 a 1977.

⁹ W. Gomes, um dos autores, participou deste evento em Arcozelo.

casou-se depois com uma brasileira e permaneceu no Brasil, residindo em Jaguariúna, grande Campinas — São Paulo; Maureen Miller trazia para o encontro as novidades da *Gestalt Therapy*, e ainda retornaria diversas vezes ao Brasil. A forte ênfase vivencial do Encontro propagou-se nos Encontros seguintes. Rogers voltou ao Brasil em 1978 para um evento semelhante, retornando ainda em 1985 para um encontro com estudiosos da ACP.

A ênfase vivencial também dominou as atividades dos inúmeros centros de estudos que foram criados em várias cidades do Brasil. Após o primeiro Encontro de Arcozelo, Rachel Rosenberg tornou-se efetivamente a principal representante do rogerianismo no Brasil, sendo co-autora com Rogers do livro *A Pessoa como Centro* (Rogers & Rosenberg, 1977). Neste período, Rosenberg procurou manter a articulação entre ACP e a pesquisa. Um exemplo marcante foi o evento intitulado “Vivência Acadêmica: O enfoque centrado na pessoa” realizado na USP, em maio de 1986. O evento contou com a participação, entre outros, de Oswaldo de Barros Santos (USP), Oswaldo Frota-Pessoa (USP), Mauro AmatuZZi (USP), Henriette T. Penha Morato (USP), Jaime Roy Doxsey (Universidade Federal do Espírito Santo), John Wood (Psicólogo americano residente em Jaguariúna — São Paulo), Virgínia Moreira Leitão (Universidade Estadual do Ceará), Vera Engler Cury (Pontifícia Universidade Católica de Campinas — Puccamp), e William Barbosa Gomes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS). Os trabalhos apresentados foram publicados em uma edição chamada *Cadernos USP 2* (Rosenberg, 1987b). O evento organizado por Rosenberg foi sobre a vivência, mas não uma vivência no sentido terapêutico e sim uma vivência acadêmica com trabalhos previamente preparados e formalmente apresentados. De resto, Rosenberg escolheu comentaristas para cada exposição apresentada, tendo em vista a mobilização do debate crítico. Uma boa síntese do pensamento da ACP na década de 1980 encontra-se no livro, *Aconselhamento Psicológico*, organizado por Rosenberg (1987a) tratando dos seguintes assuntos: nota histórica sobre o Serviço de Aconselhamento Psicológico do Instituto de Psicologia da USP (R. Rosenberg), diferenças entre aconselhamento, orientação e psicoterapia (M. L. Schmidt), aspectos teóricos da ACP (H. Morato), relação terapêutica (M. P. Jordão), formação do conselheiro (I. de Camargo), pesquisa (R. Rosenberg) e, uma novidade, plantão psicológico (M. Mahfoud). Os colaboradores de Rosenberg estavam, de alguma forma, vinculados ao Serviço de Aconselhamento da USP. Também na década de 1980, a comunidade

rogeriana latino-americana articulou-se para a organização de eventos profissionais, a partir do IFórum Internacional, ocorrido em Oaxtepec, México, em 1983.

Na perspectiva da nova geração (Tassinari & Portela, 1995), houve um declínio nas atividades da ACP após as mortes de Rogers e de Rosenberg em 1987, reativando-se na década de 1990. Com efeito, os autores fizeram um levantamento das publicações na ACP no Brasil e destacaram a liderança de Virgínia Moreira (ver Moreira, 1993), atualmente professora da Universidade de Fortaleza, e de Mauro Martins AmatuZZi, professor do Programa de Pós-Graduação da Puccamp. Outra informação interessante de Tassinari e Portela (1995) é a comparação do número de dissertações (mestrado) e teses (doutorado) entre 1970 a 1994. Na década de 1970 foram seis dissertações e três teses; na década de 1980 foram sete dissertações e seis teses; e nos quatro primeiros anos da década de 1990 foram concluídas duas dissertações e quatro teses. Neste período foram organizados centros de estudos e de formação em várias cidades brasileiras, e os encontros profissionais ocorreram com certa regularidade.

A ACP influenciou muito o trabalho pedagógico, exercendo forte crítica às avaliações externas dos alunos através de provas. Nessa proposta, o professor seria um facilitador pedagógico diante das demandas dos estudantes. A técnica de aprendizagem de inspiração rogeriana foi revista em um número especial do periódico *Education*, organizado por Cassel, ainda nos idos de 1974. As implicações do método foram analisadas em seus aspectos positivos, quais fossem promover maior compromisso do estudante e levá-lo a decidir sobre suas prioridades e interesses; e nos aspectos negativos, como o perigo de dispersão e da falta geral de controle ou de autocontrole, o risco da demanda ser maior do que as possibilidades do facilitador, e a dificuldade da conciliação de diferentes interesses e tempos individuais de aprendizagem. No Brasil, pesquisas sobre a aprendizagem centrada no estudante têm sido realizadas por Justo (1988), destacando-se os efeitos positivos. Quanto aos grupos, um autor que representa essa prática na ACP é Afonso H. Lisboa da Fonseca, tendo publicado o livro *Grupo, Fugacidade, Ritmo e Forma*. O autor vem desenvolvendo intensa atividade na realização de vivências e encontro de grupos, no nordeste brasileiro.

Na década de 1990, o pensamento rogeriano foi representado por duas publicações importantes. A primeira, foi uma obra coletiva de John K. Wood, M. L. Assumpção, M. A. Tassinari, M. Japur, M.

Serra, e R. W. Rosenthal (1994) tratando de aspectos gerais e contemporâneos da ACP. A segunda, foi também uma obra coletiva dedicada ao plantão psicológico (Mahfoud, 1999). Na primeira publicação, a ACP é definida como um jeito de ser, isto é, uma relação positiva e confiante diante da vida, uma preocupação construtiva e autocrítica com a eficácia e realização dos objetivos individuais, grupais e comunitários (solidariedade), e uma expressividade individual caracterizada pela autonomia, flexibilidade, tolerância e crítica. Mahfoud e colaboradores¹⁰ retornam ao tema do “Plantão Psicológico” que apareceu pela primeira vez em 1987, na última obra organizada por Rachel Rosenberg. O plantão psicológico é uma forma inovadora de aconselhamento psicológico em instituições, sendo oferecido em período de tempo previamente determinado e ininterrupto. A grande originalidade do plantão é colocar o atendimento disponível para pessoas que estão atravessando momentos difíceis ou que simplesmente querem conversar com um terapeuta. O acesso ao terapeuta é simples e fácil, ao alcance de qualquer membro da instituição onde está sendo oferecido. No início do século XXI, Henrique Justo (2002) apareceu com mais uma obra, intitulada *Abordagem Centrada na Pessoa: Consensos e Dissensos*. É uma análise aberta, séria e crítica da teoria e prática da ACP nos últimos 50 anos.

Fenomenologia e Psicologia

As relações entre fenomenologia e psicologia ganharam impulso nos EUA na década de 1970, sob a liderança de Amedeo Giorgi, na Duquesne University. O livro que marcou a aplicação da fenomenologia enquanto método para a pesquisa empírica psicológica foi *Psicologia como Ciência Humana: Uma Abordagem Fenomenológica*, publicado por Giorgi em 1970. Neste livro, Giorgi criticou radicalmente o uso do modelo de ciência natural em psicologia, e mostrou a viabilidade de uma pesquisa empírica psicológica numa perspectiva de ciências humanas.

O trabalho de Giorgi foi, contudo, precedido pela pesquisa de dois outros psicólogos, ambos relacionados a Carl Rogers. Um deles foi Adrian L. van Kaan (1959) que defendeu a tese *A Experiência de Ser Realmente Compreendido*. Ele foi o fundador de um programa

¹⁰ Daniel Marinho Drummond, John Keith Wood, Juliana Mendanha Brandão, Raquel Wrona Rosenthal, Roberta Oliveira e Silva, Vera Engler Cury e Walter Cautella Jr.

de psicologia dedicado à fenomenologia em Duquesne, que veio a se tornar o centro de referência para a formação em pesquisa fenomenológica. O outro foi Eugene Gendlin (1962), que com a tese *Experiencing and the Creation of Meaning* modificaria os rumos da Psicoterapia Centrada na Pessoa, tornando-a uma abordagem existencial. O trabalho de Gendlin ganhou força própria e ficou conhecido como Psicoterapia Experiencial. Segundo Spiegelberg (1972), Gendlin formulou o modelo de psicoterapia que mais se aproximou da fenomenologia.

Na década de 1970, Giorgi e seus colegas da Duquesne University editaram a célebre coleção *Duquesne Studies in Phenomenological Psychology*, em três volumes (Giorgi *et al.* 1971, 1975, 1979), com diferentes exemplos de pesquisas fenomenológicas em variados temas. O método fenomenológico serviu, inclusive, para realização de experimentos em memória (Colaizzi, 1971). As novidades das aplicações do método fenomenológico de Duquesne chegaram ao Brasil no final da década de 1970. Primeiro, na tradução do livro de Giorgi (1970) por sua ex-orientanda Riva S. Schwartzman em 1978. Schwartzman estudou com Giorgi em Duquesne e atualmente dedica-se ao trabalho clínico em Belo Horizonte, em uma abordagem fenomenológico-existencial (Schwartzman, 1986). Outra obra representativa foi a tradução do livro de Ernest Keen (1975/1979), *Introdução à Psicologia Fenomenológica*, pela psicóloga carioca, Heliana Barros de Conde Rodrigues, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. É impossível concluir a leitura do livro de Keen sem tentar exercitar a maneira fenomenológica de refletir. O texto, muito criativo e de leitura agradável, continua sendo uma boa introdução à prática da fenomenologia como método para pensar.

A década de 1980 iniciou com o primoroso *O Ser da Compreensão: Fenomenologia da Situação de Psicodiagnóstico*, de Monique Augras (1981). Augras é uma psicóloga francesa graduada pela Université Paris IV, em 1958. Transferindo-se para o Brasil, passou a lecionar no Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP) da Fundação Getúlio Vargas em 1961. Em 1970, foi convidada a integrar o corpo docente do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ). Em ambas as instituições, Augras envolveu-se em atividades de pesquisa e orientação de trabalhos de conclusão de curso. Em *O Ser da*

¹¹ Prof. Joel Martins faleceu em 1993, na época ele exercia o cargo de reitor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, conforme informação da profa. Dulce Maria Nunes.

Compreensão Augras está preocupada com o que denominou de crise da psicologia clínica e do ensino de psicodiagnóstico. O primeiro capítulo tem o sugestivo título de *Por que não a fenomenologia?* (p. 7). Os demais capítulos introduzem temas clássicos da fenomenologia: a situação, o tempo, o espaço, o outro, a fala, e a obra, neste último referindo-se à “obra implícita, de um fazer contínuo que nada mais é do que o próprio processo de vida” (p. 88). O livro de Augras teve ampla circulação e aceitação nos cursos de graduação em psicologia. Note-se que Augras chega à psicologia fenomenológica por influência européia, baseando-se, entre outros, em Jaspers, Heidegger, Binswanger e Minkowski.

O segundo livro que especificou o campo para o estudo da fenomenologia nos cursos de psicologia foi *Fenomenologia e Psicologia*, organizado por Forghieri (1984). Neste livro, filósofos e psicólogos falam sobre um novo paradigma para a pesquisa e a clínica psicológica. Também por esta época começam a aparecer os vários livros que contam com a participação do professor Joel Martins¹¹, um dos nomes mais representativos das relações entre psicologia e fenomenologia no Brasil. Em 1983, Martins e Bicudo lançaram os Estudos sobre *Existencialismo, Fenomenologia e Educação*, destacando-se a conjunção dos temas existencialismo, fenomenologia e abordagem centrada na pessoa, sendo este último o enfoque do capítulo dedicado à educação. A partir daí, a pesquisa fenomenológica passa a aparecer em dissertações, teses, artigos e livros. Entre os trabalhos destacam-se: *Cegueira: Do fato para o fenômeno* (Meira, 1983); *Descrição fenomenológica da experiência da crise existencial ou angústia* (Tápia, 1984); *Obesidade: Um enfoque fenomenológico-existencial* (M. Gomes, 1986); *Atendimento a pais no processo de psicodiagnóstico infantil: Uma abordagem fenomenológica* (Ancona-Lopez 1987); e *Percepção de sentimentos de alunos durante a frequência à disciplina enfermagem psiquiátrica* (Teixeira, 1989). No final da década de 1980, Dichtchekenian organizou a obra de cunho fenomenológico-existencial intitulada *Vida e Morte: Ensaio Fenomenológicos*, reunindo trabalhos do Centro de Estudos Fenomenológicos de São Paulo, uma organização ligada a Joel Martins. Na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) destacaram os trabalhos de Amatuzzi (1989) sobre o *Resgate da Fala Autêntica* e de França (1989), *Psicologia Fenomenológica: Uma das Maneiras de Fazer*.

No Rio Grande do Sul, a pesquisa fenomenológica aplicada à educação e à psicologia teve início com o retorno dos EUA de Vânia Maria Moreira Rasche e William Barbosa Gomes, nos primeiros anos

da década de 1980, ambos professores da UFRGS. Por influência de Rasche, Amedeo Giorgi lecionou na UFRGS, por curtos períodos, em 1985 e 1986, retornando ainda em 1988, quando também lecionou na PUCSP, como professor visitante (Bicudo, 1990; Gomes, 1998). A influência do método fenomenológico ocorreu, inicialmente, nos cursos de mestrado e doutorado da Faculdade de Educação da UFRGS, sob a orientação de Rasche. Com a criação do Programa do curso de mestrado em Psicologia, também na UFRGS, Gomes pôde dar continuidade a suas pesquisas utilizando o método fenomenológico. Foram pesquisas que tiveram início ainda nos EUA sob a orientação de Richard Lanigan (1972) na *Southern Illinois University* — Carbondale. Com a transferência de Rasche para a Universidade de Michigan, o trabalho com o método fenomenológico concentrou-se, grandemente, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Na década de 1980, Gomes publicou regularmente sobre fenomenologia, divulgando o método (Gomes, 1984, 1985, 1987) e realizando pesquisa empírica, entre as quais destacaram-se os estudos sobre efetividade em Psicoterapia (Gauer, Souza, Dal Molin & Gomes, 1997; Gomes, 1992; Gomes, Reck & Ganzo, 1988).

No início da década de 1990, Forghieri (1993a,) realizou um levantamento da produção científica brasileira em livros, teses, dissertações, artigos relacionados direta ou indiretamente à fenomenologia. O levantamento foi solicitado pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (Anpepp). Os estudos encontrados apresentaram dois aspectos em comum: a descrição da vivência do próprio pesquisador, e a descrição dos procedimentos fenomenológicos de pesquisa. As principais áreas de abrangência foram a psicologia da educação e a psicologia clínica, com pouca presença de temáticas do desenvolvimento humano. Os problemas investigados comumente diziam respeito a situações existenciais, como o envelhecimento, a toxicomania, a maternidade e diferentes doenças físicas e psíquicas. De acordo com Forghieri, diversos desses trabalhos lidavam com os sentidos de sofrimento e bem-estar, o que confirmava a tendência da conjunção entre método fenomenológico e temas existenciais. Outra contribuição de Forghieri (1993b), no mesmo período, foi *Psicologia Fenomenológica*, um texto básico e didático, muito usado em cursos de graduação. As relações entre psicologia e fenomenologia foram exploradas com clareza, nos aspectos conceituais e aplicados. Os autores citados por Forghieri como fundamentais ao seu enfoque fenomenológico da personalidade foram Husserl, Merleau-Ponty, Heidegger e Buber, com referências complementares a Binswanger, Sartre, Frankl e Medard Boss (1903-1990).

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, o interesse pelo método fenomenológico cresceu juntamente com a popularização dos métodos qualitativos de pesquisa. Na verdade, o método fenomenológico passou a ser estudado em conjunto com outros métodos qualitativos. Um exemplo, foi a criação, na cidade de São Paulo, em 1989, da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos sob a coordenação de Joel Martins, Vitória Helena Cunha Espósito e Virginia Aparecida Viggiani Bicudo, um grupo com tradição de pesquisa em fenomenologia.

Do mesmo modo, a expansão da pós-graduação *stricto sensu* em psicologia estimulou a organização de grupos de pesquisa que mantêm uma produção regular em fenomenologia. Como exemplo podem ser citadas as publicações sob a orientação de Mauro Martins AmatuZZi na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (AmatuZZi, 1996; AmatuZZi, Solymos, Andó, BruscaGin, Costabile, 1991); de Marília Ancona-Lopez na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Ancona-Lopez, 1997); de Maria Alves de Toledo Bruns na Universidade de São Paulo — Ribeirão Preto (Bruns & Holanda, 2001); e de William Barbosa Gomes na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Gomes, 1998). Recentemente, Bruns e Holanda (2001) reuniram textos metodológicos e relatos de pesquisa empírica, abrindo novas possibilidades para o trabalho com fenomenologia. A coletânea incluiu estudos sobre Brentano (1838-1917), Husserl e Heidegger, e relatos de métodos recentes de inspiração fenomenológica, como a versão do sentido proposta por AmatuZZi ou a combinação com a semiótica proposta por Lanigan. Por último, cabe lembrar que o trabalho metodológico e empírico com critérios fenomenológicos é discreto e disperso entre universidades ou entre departamentos de diferentes disciplinas.

Gestalt-Terapia

Gestalt-Terapia foi definida por James S. Simkin para o clássico livro de Corsini (1979), *Current Psychotherapies*, como uma intervenção psicológica não interpretativa, a-histórica e existencial. O trabalho do terapeuta concentra-se em orientar a atenção daquele que está em atendimento para o “aqui e agora”, na relação interpessoal frente a frente sem recorrer a análises transferenciais ou contra-transferenciais. O foco do tratamento concentra-se na atualidade do processo terapêutico e na decisão existencial da escolha, enquanto compromisso e responsabilidade pessoal.

A Gestalt-Terapia foi fundada pelo neuropsiquiatra Friedrich (Fritz) Salomon Perls (1893-1970) e exposta, pela primeira vez, no livro *Gestalt Therapy* publicado em 1951 em colaboração com Ralph Hefferline e Paul Goodman, traduzido para o português em 1997 (Perls, Hefferline & Goodman, 1997). O livro traz o aporte teórico da abordagem, acrescido de exercícios práticos, descritos e comentados. Após o falecimento de Perls, sua esposa e colaboradora Laura Posner Perls (1905-1990) foi reconhecida como co-fundadora, assumindo a liderança do movimento. O uso do termo Gestalt é resultado da admiração de Perls pelos fundadores da Psicologia Gestalt que ele conheceu, ainda na juventude, na Universidade de Frankfurt — Alemanha. Na formulação de suas idéias sobre a terapia, Perls foi influenciado por sua esposa Laura Perls, pela teoria organísmica de Kurt Goldstein (1878-1965), pelos estudos sobre holismo e evolução do proeminente político sul-africano Jan Christiaan Smuts (1870-1950), pelas idéias em energia vital de Wilhelm Reich (1897-1957), pelas preocupações com a constituição do sentido do crítico literário britânico I(vor) A(mostrong) Richards (1893-1979), e pela teoria semântica do polonês Alfred Korzybski (1879-1950). As proposições de Perls foram bem recebidas pelo movimento humanista dos anos 1960, encontrando boa acolhida junto aos movimentos de contracultura e aos movimentos libertários que viam o crescimento individual vinculado à perspectiva de independência pessoal e construção de um mundo melhor (Kogan, 1976).

A Gestalt-Terapia (Frazão, 1995) é conhecida no Brasil desde a década de 1960, por influência da teoria de Rogers, do Psicodrama, e da Pedagogia de Summerhill (Inglaterra). Há registros de terapeutas que já estavam trabalhando no referencial da Gestalt-Terapia em Curitiba e no Rio de Janeiro na década de 1960. A difusão do pensamento da Gestalt no Brasil intensificou-se no início dos anos 1970, através de grupos de estudo, com destaque para o grupo de Thérèse Tellegen, Jean Clark Juliano, Walter da Rosa Ribeiro e Tessy Hantzschel. Costuma-se destacar (Frazão, 1995; Prestelo, 2001) que um dos pontos de atração ao gestaltismo nos idos de 1970 foi a compatibilidade ideológica com a resistência ao regime militar. Além disso, a abordagem reservava espaço para a criatividade e para a afirmação de estilos pessoais, ensejando a expressão verbal e não-verbal. Do ponto de vista terapêutico, a Gestalt-Terapia apresentava-se como um método eficaz, com resultados terapêuticos em curto prazo. Aliados ao intenso trabalho com grupos, esses fatores cola-

boraram para que essa abordagem fosse vista como uma alternativa de intervenção de alta viabilidade, quando comparada com o modelo tradicional da psicoterapia individual de longo prazo.

O primeiro trabalho em Gestalt-Terapia escrito no Brasil foi o artigo *Elementos de Psicoterapia Gestáltica (ipsis verbis)* de Térèse Tellegen, publicado em 1972, no Boletim de Psicologia de São Paulo. Téllegen, holandesa de nascimento, conheceu a Gestalt-Terapia em Londres, fazendo formação no *Gestalt Training Center* em San Diego, CA — EUA, com Erving e Miriam Polters. Ela foi autora também da primeira dissertação de mestrado, defendida na USP em 1982, e intitulada *Reflexões sobre o Trabalho com Grupos na Abordagem Gestáltica em Psicoterapia e Educação*; e foi autora do primeiro livro escrito e editado no Brasil, *Gestalt e Grupos: Uma Perspectiva Sistêmica*, publicado em 1984 (Holanda & Karwowski, 2003). Naquele livro, Tellegen (1984) retrata o seu próprio percurso com a psicologia da Gestalt e o trabalho com grupos, trata do desenvolvimento histórico da Gestalt-Terapia e de suas influências, e apresenta reflexões conceituais sobre a visão de grupos como sistemas e o trabalho do terapeuta nos grupos. O livro conclui com o relato de uma experiência de grupo.

O primeiro programa de formação em Gestalt-Terapia foi oferecido em Brasília em 1977, por Walter Ribeiro. Neste mesmo ano começaram a aparecer as primeiras traduções dos livros de Perls, *Isto é Gestalt e Gestalt-Terapia Explicada* (Perls, 1969/1977; 1975/1977). Dois anos depois foi traduzido *Escarafunchando Fritz* (Perls, 1969/1979). Com o crescimento do número de interessados, começaram a ser organizados, na década de 1980, os encontros de Gestalt terapeutas, sendo o primeiro no Rio de Janeiro, em 1986. Em 1985 foi publicado o livro *Gestalt-Terapia: Refazendo um Caminho*, por Jorge Ponciano Ribeiro, da Universidade de Brasília. A obra de Ribeiro constitui-se em referência obrigatória para os terapeutas da abordagem gestáltica no Brasil. Na década de 1990 os eventos passaram a ser denominados de Encontro Nacional de Gestalt-Terapia, e culminaram, recentemente, com a criação da Associação Brasileira de Gestalt-Terapia e Abordagem Gestalt¹² (Holanda & Karwowski, 2003).

Alguns autores (Frazão, 1995; Holanda & Karwowski, 2003) reconheceram que, no Brasil, a proposta da Gestalt-Terapia encontrou dificuldades para superar o preconceito segundo o qual se trata de

¹² A página da Associação tem o seguinte endereço www.abggestalt.hpg.com.br

uma atuação a-teórica, baseada na aplicação indiscriminada de técnicas. Aparentemente, esse estigma prevaleceu durante vários anos em função de um dos primeiros livros dedicados à Gestalt-Terapia lançados no Brasil, “Tornar-se presente”, de John Stevens (1971/1976). Essa obra, embora criticada pelos adeptos da abordagem por consistir numa mera coleção de técnicas para serem aplicadas, havia se popularizado como referência em Gestalt-Terapia no contexto psicológico do país. De fato, o livro de Stevens descreve algumas séries de exercícios de conscientização para serem executados individualmente ou em grupos, pares e casais. As considerações teóricas resumem-se a duas páginas nas quais o autor descreve três tipos de consciência que perfazem a experiência: consciência do mundo exterior, do mundo interior e da atividade de fantasia. O foco no momento presente, como foco de toda a existência, o faz afirmar que passado e futuro resumem-se à fantasia.

Ciornai (1998), em um artigo sobre a prática e a formação da Gestalt-Terapia no Brasil, enfatizou o interesse pelo estudo dos fundamentos epistemológicos da abordagem. Tais fundamentos encontram-se, segundo a autora, na fenomenologia de Husserl e Heidegger, no existencialismo, e na filosofia oriental. Outro aspecto diferencial da abordagem no Brasil é a abertura do espectro aplicativo para integrar grupos, famílias, e comunidades. Um exemplo da força do interesse no trabalho de grupo por terapeutas gestálticos é o livro *Gestalt Terapia: O Processo Grupal*, publicado em 1975, por Jorge Ponciano Ribeiro.

Holanda e Karwowski (2003) analisaram a produção acadêmica nacional relacionada à abordagem gestáltica, na forma de teses e dissertações defendidas em diversas áreas do conhecimento, conforme catalogação da Universidade de São Paulo (USP). Os autores encontraram 35 trabalhos, defendidos entre 1982 e 2002. Os trabalhos concentraram-se na USP, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade de Brasília (UnB), e eram dedicados às áreas da psicologia clínica e da educação. Os autores identificaram no crescimento da produção acadêmica dedicada às abordagens gestálticas uma preocupação, por parte dos seus praticantes e estudiosos, em obter titulação e desenvolver uma reflexão sobre a prática gestáltica e seus fundamentos teóricos e epistemológicos. A produção de conhecimento sobre as abordagens gestálticas no contexto acadêmico também foi vista como uma superação de certas imagens errôneas que o público desenvolveu acerca dessa tendência. A primeira

tese de doutorado em Gestalt-Terapia foi defendida em 1992 na USP por Ana Maria Loffredo, intitulada *De Cotovelos Apoiados no Para-Peito da Palavra: Do Cenário Clínico, Qual é o Horizonte?*

Logoterapia

A Logoterapia é uma escola de tratamento psicológico fundada pelo psiquiatra Viktor Emil Frankl (1905-1997), um professor de medicina da Universidade de Viena. A abordagem caracteriza-se pela exploração da experiência imediata, baseada na motivação humana para a liberdade e para o encontro do sentido de vida. Frankl desenvolveu suas idéias como uma forma de complementar as teorias de Freud e de Adler, tendo como resultado a criação de uma terceira escola terapêutica em Viena. Suas idéias decorrem de sua experiência como prisioneiro em campo de concentração da Alemanha nazista, transformadas em livro em 1946, com o título *Psicoterapia e sentido de vida*. A tradução para o português apareceu em 1973. A fenomenologia ocupará um lugar importante no pensamento de Frankl por influência da leitura dos textos de Max Scheler.

A prática em Logoterapia teve início no Brasil no começo dos anos de 1980. Antes, ela era apenas uma referência entre outras em aulas de cursos de psicologia ou mesmo em aulas de cultura religiosa. Em 1984, Frankl veio ao Brasil para presidir o I Encontro Latino-Americano Humanístico Existencial, realizado na PUCRS, em Porto Alegre, a convite de Izar Aparecida de Moraes Xausa, na época professora do Instituto de Psicologia na PUCRS. O evento contou com grande participação de psicólogos e psiquiatras interessados nas relações entre psicologia e espiritualidade.¹³ No evento, foi organizada a Sociedade Brasileira de Logoterapia (SOBRAL)¹⁴ tendo como primeiro presidente Jorge Castellá Sarriera, psicólogo e professor da PUCRS. Neste mesmo ano, Xausa concluiu sua dissertação de Mestrado na PUCRS, intitulada *Logoterapia: uma terapia humanística e espiritual* (Xausa, 1984). Xausa publicou, em 1986, o primeiro livro sobre Logoterapia no Brasil, que recebeu o título de *A Psicologia do Sentido de Vida*. O primeiro curso de especialização em Logoterapia foi oferecido pelo Instituto de Psicologia da PUCRS, com coordenação de Xausa. Participaram como professores do curso, entre outros, os logoterapeutas: Ricardo Joaquim Sardi — professor

¹³ W. Gomes, um dos autores, esteve presente neste evento.

¹⁴ A página da SOBRAL tem o seguinte endereço www.logoterapia.com.br

da Universidade de Cuyo em Medonza; Martha Iglesias — Buenos Aires, Argentina; P. Herrera — do México; e Elisabeth Lukas — professora da Universidade Ludwig Maximilian de Munique, Alemanha. Lukas é considerada como sucessora de Frankl e é conhecida no Brasil pelo seu livro *Logoterapia: A força desafiadora do espírito* (Lukas, 1989). Atualmente, existem cursos sobre Logoterapia oferecidos pela SOBRAL. Há também uma literatura brasileira sobre assunto, com destaque para o trabalho de José Carlos Vitor Gomes (1988), professor na Puccamp, intitulada *A Prática da Psicoterapia Existencial: Logoterapia*. O livro traz a listagem da obra de Frankl e das traduções para o português. A difusão da Logoterapia no Brasil foi pequena. São poucos os cursos de graduação que oferecem atividades nesta linha terapêutica. Também é pequena a presença de textos sobre o assunto em periódicos nacionais.¹⁵

Conclusões

As teorias apresentadas neste capítulo seguiram percursos diferenciados tanto nas relações entre elas quanto na aproximação de pensadores da fenomenologia e do existencialismo. Na verdade, existem diferenças internas entre os representantes de cada tendência, o que é natural e esperado. Mesmo assim, é importante insistir nos pontos de convergência como recurso para o trabalho com aspectos básicos e necessários à compreensão da variedade teórica em psicologia.

A ACP apresentou-se aos cursos de psicologia, ainda na década de 1950, como a grande inovação em aconselhamento psicológico. Ela substituiu o antigo conselho de orientação explícita para o conselho indireto, na verdade uma orientação explícita para a auto-exploração de si mesmo por parte de quem procurava ajuda. A ACP parece ter exercido um papel importante na difusão da Gestalt-Terapia, desde que há uma grande proximidade entre muitos profissionais das duas tendências. Neste sentido, a vinda de Maureen Miller como membro da equipe de Rogers, em 1977, e os subseqüentes retornos para atividades em Gestalt-Terapia, podem ter facilitado a aproximação. Os profissionais mais identificados com a fenomenologia costumam seguir uma orientação psicoterápica baseada em autores como Heidegger, Binswanger, Medard-Boss, Minkowski e mesmo

¹⁵ Os autores agradecem ao Prof. Dr. Paulo Kroeff pelas informações prestadas. Kroeff, atual diretor do Instituto de Psicologia da UFRGS vem trabalhando com a logoterapia desde os inícios dos anos 1980, sendo também um divulgador das idéias de Frankl no Brasil. Ele tem oferecido seminários sobre logoterapia na UFRGS.

Sartre. Há também profissionais mais identificados com o trabalho de Merleau-Ponty, principalmente aqueles prioritariamente envolvidos com pesquisa empírica.

Há um reconhecimento na literatura da ACP e da Gestalt-Terapia, indicada acima, que o movimento humanista praticamente uniu-se ao movimento da contracultura, entre 1965 a 1980. Por conseguinte, o pensamento humanista passou a ser contra o método, contra o intelectual, e contra o racional. Foi o período no qual as chamadas vivências eram propostas como um convite para novas experiências conscientes, mas que raramente chegavam à etapa reflexiva da consciência da experiência. Em substituição à pesquisa, tinha-se a ironia, ou a lamentação anacrônica em relação à contemporaneidade. Essa prática ainda perdura em alguns setores a ponto de confundir o discurso humanista com o discurso tele-evangelista. No entanto, notou-se nos últimos anos, em grupos restritos, uma maior preocupação com a formação intelectual, com a produção acadêmica, e com descrições mais acuradas e técnicas da prática profissional. É bom lembrar que a antitécnica é também um manejo e o estabelecimento de uma estrutura com poder para determinar. Mesmo assim, há ainda um grande espaço a ser recuperado em termos de credibilidade, seriedade e ética.

Boa parte dos seguidores da psicologia humanista derivou para tendências tidas como alternativas. Um exemplo destes movimentos alternativos é a psicologia transpessoal que se interessa por práticas meditativas, êxtases, intensificação de experiências sensoriais e afins (Valle & Halling, 1989). A alegação é abrir e ampliar a relação do individual com algo maior, com forças que ultrapassem a experiência consciente. Do mesmo modo, foi a psicologia humanista que se mostrou mais receptiva a conceitos oriundos da psicologia oriental, como por exemplo, Zen, Ioga e Sufismo (Fadiman & Frager, 1979). Entre estudantes de psicologia verifica-se grande interesse por práticas alternativas e muitos deles matriculam-se em disciplinas de fenomenologia, com o intuito de se instruírem para tal fim. Obviamente, eles se decepcionam ao longo do caminho, pois a fenomenologia é o estudo sistemático da intuição em busca do diálogo com o preconceito, o lógico, o inusitado e o novo. Ressalte-se tendência recente de confundir fenomenologia com fenomenalismo em propostas que retornam ao corolário dos sentimentos não como caminho para uma descoberta e exame de si, mas como um núcleo para decisões irrefletidas.

Por fim, é importante reconhecer que muitos dos ensinamentos das primeiras teorias identificadas como humanistas foram incorporados à prática psicológica geral. São exemplos os conceitos de empatia

e de relacionamento interpessoal, de grande importância ao trabalho do psicólogo em qualquer contexto. Por outro lado, uma das mais importantes contribuições do humanismo foi o conceito de abertura para a experiência. Tal conceito constitui-se em visão abrangente e integrada, capaz de diálogo entre diferentes teorias, sem contudo perder a noção de justiça ao objeto em estudo (ética), nem a noção de rigor na abordagem do objeto (método). Neste sentido, a perspectiva humanista transforma-se em uma abordagem compreensiva orientada para o estudo de aspectos expressivos e interpretativos da condição humana, enquanto existência corporificada e contextualizada (sócio-histórica e ecológica). Seria muito positivo que os conceitos básicos da fenomenologia existencial, principalmente no que se refere à hermenêutica, fossem cuidadosamente estudados nos cursos de graduação.

Bibliografia

- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 13(1), 63-70.
- Amatuzzi, M. M., Solymos, G., Ando, C., Bruscin, C., & Costabile, C. (1991). O sentido que faz sentido: uma pesquisa fenomenológica no processo terapêutico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*: 7(1), 1-12.
- Ancona-Lopez, M. (1987). *Atendimento a pais no processo de psicodiagnóstico infantil: Uma abordagem fenomenológica*. Tese de Doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Ancona-Lopez, M. (1997). Fenomenologia e pesquisa em ciências humanas. *Interações: Estudos e Pesquisas em Psicologia*: 4(2), 35-42.
- Arouca, L. S. (1977). *Fundamentos fenomenológico-existenciais da comunicação professor-aluno na teoria da educação de Carl R. Rogers*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Católica de São Paulo.
- Augras, M. (1981). *O ser da compreensão: Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis: Vozes.
- Bicudo, M. A. V. (1990). Notas sobre o seminário realizado pelo professor Amadeo Giorgi sobre fenomenologia e a pesquisa qualitativa em psicologia. *A Sociedade Cadernos da Sociedade de Estudo e Pesquisa Qualitativos*. São Paulo, 1(1), 73-88.
- Bruns, M. A., & Holanda, A. F. (Orgs.). (2001). *Psicologia e pesquisa fenomenológica: Reflexões e perspectivas*. São Paulo: Editora Ômega.
- Cassel, R. N. (Org.). (1974). Carl Rogers: Humanistic psychologist and educator (Special Issue). *Education*, 95, 101-203.
- Ciornai, S. (1998). Gestalt-therapy in Brazil. *Gestalt Review*, 2(2), 108-119. (Disponível em versão eletrônica: www.g-g.org/gej/3-3/brazil.html).
- Colaizzi, P. F. (1971). Analysis of the learner's perception of learning material at various phases of a learning process. Em A. Giorgi, W. F. Fischers & R. von

- Eckartsberg (Orgs.), *Duquesne studies in phenomenological psychology: Volume I*. (pp. 101-111). Pittsburgh: Duquesne University Press.
- De La Puente, M. (1970). *Carl R. Rogers: De la psychothérapie à l'enseignement*. Paris: Ed. de l'Épi.
- De La Puente, M. (1973). Sobre a recente psicologia social de Carl Rogers. *Boletim de Psicologia*, 25(65), 185-193.
- De La Puente, M. (1978). *O ensino centrado no estudante: Renovação e crítica das teorias educacionais de Carl R. Rogers*. São Paulo: Cortez & Moraes.
- Fadiman J. & Frager R. (1979). *Teorias da personalidade* (O. G. Pinheiro, C. P. Sampaio & S. Safdié, Trad.). São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil Ltda. (Original publicado em inglês, 1979)
- Féres-Carneiro, T., & Lo Bianco, A. C. (2003). Psicologia clínica: Uma identidade em permanente construção. Em O. H. Yamamoto & V. V. Gouveia (Orgs.), *Construindo a psicologia brasileira* (pp. 99-119). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Forghieri, Y. C. (1993a). A Investigação Fenomenológica da Vivência: Justificativa, Origem, Desenvolvimento, Pesquisas Realizadas. Em Macedo, R. M. S. (Org.), *Mapeamento da pesquisa em psicologia no Brasil* (pp. 19-42). São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (Cadernos da ANPEPP, n. 2)
- Forghieri, Y. C. (1993b). *Psicologia fenomenológica: Fundamentos, método e pesquisa*. São Paulo: Pioneira.
- Forghieri, Y. C. (Org.). (1984). *Fenomenologia e psicologia*. São Paulo: Cortez.
- França, V. (1989). *Psicologia fenomenológica: Uma das maneiras de se fazer*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Frankl, V. E. (1973). *Psicoterapia e sentido da vida: Fundamentos da logoterapia e análise existencial* (A. M. de Castro, Trad.). São Paulo: Quadrante (Original publicado em alemão, 1946).
- Frazão, L. M. (1995). A Gestalt Terapia. Em S. Ciornai (Org.), *Gestalt-Terapia, Psicodrama e Terapias Neo-Reichianas no Brasil* (pp. 11-22). São Paulo: Ágora.
- Gauer, G., Souza, M. L., Molin, F., & Gomes, W. B. (1997). Terapias alternativas: Uma questão contemporânea em psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17(2), 21-32.
- Gendlin, E. (1962). *Experiencing and the creation of meaning*. New York: Free Press.
- Giorgi, A. (1978). *Psicologia como ciência humana: Uma abordagem fenomenológica* (R. S. Schwartzman, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em inglês, 1970).
- Giorgi, A., Fisher, C., & Murray, E. (Orgs.). (1975). *Duquesne studies in phenomenological psychology: Volume II*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Giorgi, A., Fisher, W. F., & R. von Eckartsberg, R. (Orgs.). (1971). *Duquesne studies in phenomenological psychology: Volume I*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Giorgi, A., Knowles, R., & Smith, D. L. (Orgs.). (1979). *Duquesne studies in phenomenological Psychology: Volume III*. Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Gomes, J. C. V. (1988). *A prática da psicoterapia existencial: Logoterapia*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Gomes, M. P. (1986). *Obesidade: Um enfoque fenomenológico-existencial*. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Gomes, W. B. (1983). *Experimental psychotherapy and semiotic phenomenology: A methodological consideration of Eugene Gendlin's theory and application of focusing*. Tese de Doutorado não publicada, Southern Illinois University, Carbondale, IL.
- Gomes, W. B. (1984). O que é fenomenologia semiótica? *Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFSM*, 7(2), 225-243.
- Gomes, W. B. (1985). O eidético e o empírico na psicologia fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 2(2), 135-148.
- Gomes, W. B. (1987). As aplicações sociais da pesquisa qualitativa. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 2, 3-14.
- Gomes, W. B. (1992). A experiência retrospectiva de estar em psicoterapia: Um segmento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6(1), 87-105.
- Gomes, W. B. (Org.). (1998). *Fenomenologia e pesquisa em psicologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Gomes, W. B., Reck, A., & Ganzo, C. (1988). A experiência retrospectiva de estar em psicoterapia: um estudo empírico-fenomenológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4(3), 187-206.
- Hart, J. T. & Tomlinson, T. M. (Orgs.). (1970). *New directions in client-centered therapy*. Boston: Houghton Mifflin.
- Holanda A. F., & Karwowski, S. L. (2003). *Produção Acadêmica em Gestalt-Terapia no Brasil: Análise de Mestrados e Doutorados*. Monografia não publicada.
- Justo, H. (1988). Aprendizagem centrada no aluno: Depoimentos de universitários. *Educação (PUCRS)* 15, 71-85.
- Justo, H. (1973). *Carl Rogers, teoria da personalidade, aprendizagem centrada no aluno*. Porto Alegre: Livraria Santo Antonio.
- Justo, H. (2002). *Abordagem centrada na pessoa: Consensos e dissensos*. Petrópolis: Vozes.
- Keen, E. (1979). *Introdução à psicologia fenomenológica* (H. Rodrigues, Trad.). Rio de Janeiro: Interamericana. (Original publicado em inglês, 1975).
- Kogan, G. (1976). The genesis of gestalt therapy. Em C. Hatcher & P. Himmelstein (Orgs.), *The handbook of gestalt therapy* (pp.235-257). New York: Jason Aronson.
- Lanigan, R. (1972). *Speaking and semiology: Maurice Merleau-Ponty's phenomenological theory of existential communication*. The Hauge: Mouton.
- Lukas, E. (1989). *Logoterapia: A força desafiadora do espírito* (José de Sá Porto, Trad.). Santos: Leopoldianum Editora / São Paulo: Edições Loyola.
- Mahfoud, M. (Org.) (1999). *Plantão psicológico: Novos Horizontes*. São Paulo: Companhia Ilimitada.
- Mahoney, A. A. (1976). *Análise lógico-formal da teoria de aprendizagem de Carl Rogers*. Tese de Doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Meira, I. (1983) *Gagueira: Do fato para o fenômeno*. São Paulo: Cortez.

- Moreira, V. (1993). Psicoterapia centrada na pessoa e fenomenologia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 1(9), 157-172.
- Perls, F. (1977). *Gestalt-Terapia explicada* (G. Schlesinger, Trad.) São Paulo: Summus (Original publicado em inglês, 1969).
- Perls, F. (1977). *Isto é Gestalt* (G. Schlesinger & M. J. Kovacs, Trad.). Summus. (Original publicado em inglês, 1975).
- Perls, F. (1979). *Escarafunchando Fritz: Dentro e fora da lata de lixo* (G. Schlesinger Trad.). São Paulo: Summus. (Original publicado em inglês, 1969).
- Perls, F. Hefferline, R., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-Terapia* (F. R. Ribeiro, Trad.). São Paulo: Summus (Original publicado em inglês, 1951).
- Prestrello, E. T. (2001). A história da Gestalt-Terapia no Brasil: "peles-vermelhas" ou "caras-pálidas"? Em: A. M. Jacó-Vilela, A. C. Cerezzo & H. B. C. Rodrigues (Orgs.), *Clio Psyché hoje: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* (pp.87-93). Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Ribeiro, J. P. (1975). *Gestalt Terapia: O processo grupal*. São Paulo: Summus.
- Ribeiro, J. P. (1985). *Refazendo o caminho*. São Paulo: Summus.
- Rogers, C. (1972). *Grupos de encontro* (J. L. Proença, Trad.) Lisboa: Moraes Editores. (Original publicado em inglês, 1970).
- Rogers, C. R. (1959). A theory of therapy, personality, and interpersonal relationships, as developed in the client-centered framework. Em S. Koch (Org.), *Psychology: A study of a science: Vol. 3, Formulations of the person and the social context* (pp. 184-256). New York: McGraw-Hill.
- Rogers, C. R. (1970). *Tornar-se pessoa* (M. C. Ferreira, Trad.). Lisboa: Moraes Editores. (Original publicado em inglês, 1961).
- Rogers, C. R. (1973). *Psicoterapia e consulta psicológica* (M. C. Ferreira, Trad.). Santos: Livraria Martins Fontes, Editora. (Original publicado em inglês, 1942).
- Rogers, C. R. (1974). *Novas formas do amor: O casamento e suas alternativas*. (O. M. Cajado, Trad.) Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora. (Original publicado em inglês, 1972).
- Rogers, C. R. (1974). *Terapia centrada no paciente* (M. C. Ferreira, Trad.). Lisboa: Moraes Editores. (Original publicado em inglês, 1951).
- Rogers, C. R., & Kinget, G. M. (1975). *Psicoterapia e relações humanas: Teoria e prática da terapia não diretiva* (Vols. 1-2), (M. L. Bizzotto, Trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Original publicado em francês, 1965).
- Rogers, C. R. & Rosenberg, R. L. (1977). *A pessoa como centro*. São Paulo, SP: E.P.U.
- Rogers, C. R. (1971). *Liberdade para aprender* (E. G. M. Machado & M. P. Andrade, Trads.). Belo Horizonte: Interlivros de Minas Gerais. (Original publicado em inglês, 1969).
- Rosenberg, R. L. (1972). *Um estudo de percepção de condições psicoterápicas em grupos de aconselhamento psicológico*. Tese de Doutorado não publicada, Universidade de São Paulo.
- Rosenberg, R. L. (Editora Convidada). (1987b). Vivência acadêmica: O enfoque centrado na pessoa (Número especial). *Cadernos USP*, 2, 9-120.
- Rosenberg, R. L. (Org.). (1987a). *Aconselhamento psicológico centrado na pessoa*. São Paulo: E.P.U.
- Scheffer, R. (1964). *Aconselhamento Psicológico*. Rio de Janeiro, RJ: Fundo de Cultura.
- Scheffer, R. (1976). *Teorias de aconselhamento*. São Paulo, SP: Atlas.
- Schwartzman, R. S. (1986). Uma reflexão sobre as psicoterapias humanistas e a análise existencial. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 3(35), 173-180.
- Simkin, J. S. (1979) Gestalt therapy. Em: J. Corsini (Org). *Current Psychotherapies* (pp. 273-301). Itasca, IL: F. E. Peacock Publishers, Inc.
- Snygg, D., & Combs. A. (1949). *Individual behavior: A new frame of reference for psychology*. New York: Harder & Brothers.
- Spiegelberg, H. (1972). *Phenomenology in psychology and psychiatry*. Evanston: Northwestern University Press.
- Stevens, J. O. (1976). *Tornar-se presente: Experimentos de crescimento em Gestalt-terapia* (M. J. Kovacs & G. Schlesinger, Trad.). São Paulo: Summus. (Original publicado em inglês, 1971).
- Tápia, L. E. O. (1984). *Descrição fenomenológica da experiência de crise existencial ou angústia*. Tese de doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Tassinari, M. A. & Portela, Y. R. (1995). *História da Abordagem Centrada na Pessoa no Brasil*. Trabalho apresentado no VI Fórum Internacional da Abordagem centrada na pessoa (Julho, Leptokarya, Grécia).
- Teixeira, M. B. (1989). *Percepção e sentimentos de alunos durante a frequência à disciplina enfermagem psiquiátrica*. Tese de doutorado não publicada, Universidade de São Paulo.
- Tellegen, T. (1972). Elementos da psicoterapia gestáltica¹⁶. *Boletim de Psicologia da Sociedade de Psicologia de São Paulo*, 24(64), 27-42.
- Tellegen, T. (1982). *Reflexões sobre trabalho com grupos na abordagem gestáltica hoje. Algumas abordagens em psicoterapia e educação*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de São Paulo.
- Tellegen, T. (1984). *Gestalt e grupos: Uma perspectiva sistêmica*. São Paulo: Summus.
- Valle, R. S.; & Halling, S. (1989). *Existential-phenomenological perspectives in psychology*. New York: Plenum Press.
- Van Kaan, A. (1959). Phenomenological analysis: Exemplified by a study of the experience of "really feeling understood". *Journal of Individual Psychology*, 15, 66-72.
- Wood, J. K., Assumpção, M. L., Tassinari, M. A., Japur, M., Serra, M. & Rosenthal R. W. (1994). (Org.). (1994). *Abordagem centrada na pessoa*. Vitória: Editora Fundação Ceciliano Abel de Almeida/UFES.
- Xausa, I. A. M. (1984). *Logoterapia: Uma psicologia humanista e espiritual*. Dissertação de mestrado não-publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Xausa, I. A. M. (1986). *A psicologia do sentido da vida*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Zavalloni, Roberto (1956). *Educação e personalidade* (G. A. Buzzi, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.

¹⁶ A palavra foi escrita deste modo pela autora, numa tentativa pioneira de aporuguesar o termo, mas que não vingou.